

Orquestra Sinfónica

do Porto Casa da Música

Coro

Casa da Música

Takuo Yuasa *direcção musical*

Sarah Tynan *soprano*

Patrícia Quinta *meio-soprano*

Lothar Odinius *tenor*

Leigh Melrose *barítono*

■ Jörg Widmann

Con brio, abertura de concerto para orquestra

(2008, rev.2013; c.12min.)

Ludwig van Beethoven

A Consagração da Casa, abertura em Dó maior, op. 124

(1822; c.11min.)

Pedro Amaral

Scherzi (2015; c.13min.)

(estreia mundial; encomenda Casa da Música)

Obra surpresa para coro, solistas e orquestra (c.15min.)

Concerto sem intervalo



casa da música

10 Abr 2015
21:00 Sala Suggia

-
ANO ALEMANHA

10
anos

MECENAS ORQUESTRA SINFÓNICA
MECENAS ENCOMENDAS

SONAE

PATROCINADOR OFICIAL ANO ALEMANHIA

Deutsche Bank 

PATRONOS DO 10º ANIVERSÁRIO



Cerealis



NORS
We Know How

Porto Editora

SOGRAPE
VINHOS

CO-FINANCIADO POR



ON.2

O NOVO NORTE
receba o impulso
de uma nova
dinâmica de desenvolvimento



A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE

**RÉSEAU
VARESE**



reseo
RESETO
RESETO
RESETO

REMA
RESETO
RESETO
RESETO

EUROPE JAZZ NETWORK

ECHO EUROPEAN
CONCERT HALL
ORGANISATION

TENSO

Jörg Widmann

MUNIQUE, 1973

Con brio

abertura de concerto para orquestra

Resultado de uma encomenda da Rádio da Baviera, a abertura *Con brio* de Jörg Widmann, clarinetista exímio e um dos mais celebrados compositores alemães da nova geração, foi escrita com o propósito explícito de dialogar com as obras sinfónicas de Beethoven, nomeadamente com as Sinfonias n.º 7 e n.º 8. Além de ter aberto, em Setembro de 2008, a temporada 2008/09 da Orquestra Sinfónica da Rádio da Baviera, sob a direcção de Mariss Jansons, a nova obra integrou um projecto de gravação das sinfonias de Beethoven intercaladas com obras encomendadas a compositores contemporâneos, às quais foi dado o título genérico de “Reflexões”.

Widmann toma algumas características da música de Beethoven como base e inspiração para construir a abertura, começando, desde logo, por utilizar a mesma instrumentação. Outra das características beethovenianas aqui adoptadas pelo compositor é a intensidade rítmica inerente a muitas secções das sinfonias em causa. Mas o trabalho de integração destes elementos é feito de forma muito profunda e, se é verdade que são perceptíveis ao longo da peça, é igualmente verdade que o contexto em que surgem é totalmente original. Widmann dilui e desconstrói os elementos emprestados a Beethoven, moldando e adaptando-os à sua própria linguagem musical, um método composicional que não é de todo estranho à sua obra – onde o diálogo explícito com compositores do passado é uma constante. Como escreveu

Tom Service, “Widmann não rejeita nenhum aspecto da tradição musical. A sua música é um diálogo, homenagem e prolongamento das preocupações essenciais da música de que ele mais gosta: Beethoven, Schumann, Schubert, Mozart, Mahler, Berg – assim como [Wolfgang] Rihm e [Helmut] Lachenmann”, dois dos mais relevantes compositores alemães da actualidade.

Uma das especificidades porventura mais notórias da linguagem musical de Widmann é o constante recurso a técnicas instrumentais não convencionais, ou seja, à utilização dos instrumentos de forma diferente do habitual (como respirar para dentro do instrumento sem produzir som, bater no bocal com a palma da mão, utilizar afinações diferentes, entre outras técnicas). Esta é uma forma de alargar a paleta de sonoridades e texturas disponíveis na orquestra, sobretudo quando a instrumentação é limitada. No início da partitura, o compositor deixa indicações muito detalhadas aos diferentes nappes de como atingir as sonoridades e efeitos específicos que imaginou – para se ter uma ideia do detalhe, bastará dar o exemplo de uma das numerosas indicações dirigidas aos instrumentos de sopro: “Compasso 19: 70% sopro, 30% som (ou até menos); TEE-OO-TOO”. A lista estende-se por cerca de seis páginas, o que nos dá uma ideia da importância com que o compositor encara estes “desvios” às técnicas convencionais. O resultado musical ganha em dimensão, variedade e originalidade. Há que referir, aqui, que todos estes elementos são tratados de forma orgânica e contribuem para a criação de uma paisagem sonora muito específica; não se trata de meros efeitos inconsequentes. À desconstrução musical, nomeadamente dos elementos retirados à música de Beethoven, junta-se

assim o que podemos referir como desconstrução sonora. O ímpeto característico de muita música de Beethoven (o *Con brio*) e a festividade (embora não exuberante) inerente a muitas aberturas clássicas surgem assim transfigurados num universo sonoro moderno e arrojado, ritmicamente intenso, por vezes até caótico e misterioso, e sempre empolgante.

Ludwig van Beethoven

BONA, 1770 - VIENA, 1827

A Consagração da Casa

abertura em Dó maior, op. 124

Vistas no seu conjunto, as onze aberturas de Beethoven constituem um grupo pouco homogéneo, mas cujos exemplares mais conseguidos (e conhecidos) são parte fundamental da estética sinfónica do compositor. As origens e propósitos de composição de cada uma são igualmente distintos: quatro foram escritas para a ópera *Fidelio*; uma para um bailado; uma outra para um concerto; e as outras cinco foram escritas para o teatro. Uma destas últimas, a Abertura *Coriolano* op. 62, foi concebida como peça independente – ou seja, sem seguimento musical –, enquanto as outras quatro introduzem obras mais ambiciosas que, além da abertura, incluem também música incidental escrita para acompanhar uma acção dramática específica. A última escrita com este propósito é *A Consagração da Casa* (*Die Weihe des Hauses*, no original alemão), que data de 1822 e foi composta para a reabertura do então reconstruído e remodelado Theater in der Josefstadt – ainda activo nos dias de hoje. Na realidade, para este concerto, Beetho-

ven reciclou parte da música de *As Ruínas de Atenas* (abertura e música incidental escritas em 1811 para a peça homónima de August von Kotzebue), substituiu a abertura por esta nova, alterou algumas secções e acrescentou um novo coro.

Não sendo tão celebrada como a abertura *Egmont*, verdadeira obra-prima do género, *A Consagração da Casa* não deixa de ser uma obra de grande mérito e interesse. É estruturada em duas secções contrastantes – um prelúdio (*Maestoso e sostenuto*) e uma fuga (*Allegro con brio*) – e nela transparece de forma clara a influência de Georg Friedrich Händel, compositor cujas obras Beethoven muito admirava. O prelúdio abre com cinco acordes imponentes que estabelecem, desde logo, o carácter solene da situação. A estes seguem-se, num espaço de tempo relativamente curto, quatro episódios distintos: uma marcha ou procissão introduzida pelos sopros, aos quais o resto da orquestra se junta pouco depois; uma fanfarra festiva de carácter händeliano; um tema nervoso e expectante, *sempre staccato*; e, por fim, outro lírico e suave, após o qual se dá a transição para a fuga. É nesta secção, cujas dimensão e construção são deveras ambiciosas, que a tensão criada pelo contraste das secções anteriores explode num ambiente jubilatório que, uma vez mais, relembra o estilo de Händel.

FRANCISCO SASSETTI, 2015

Pedro Amaral

LISBOA, 1972

Scherzi, para orquestra

Encomenda da Casa da Música,
no décimo aniversário da sua fundação.

Uma confissão prévia: compor um *Scherzo*, ou uma qualquer forma pré-definida pela tradição histórica, estava longe das minhas intenções.

É certo que o retorno às formas clássicas e barrocas atravessou uma parte da modernidade musical: virada a página do Período Russo, Stravinski revisitou a seu bel-prazer texturas, formas e estilos do passado; e na Viena de Schoenberg, descoberta a série dodecafónica como elemento (re)estruturador da linguagem, a sua validade foi sistematicamente demonstrada através do exercício dos grandes modelos clássicos. Porém, esta prática dos antigos paradigmas, irónica como em Stravinski ou devota como nos vienenses, foi banida com a chegada do Estruturalismo no pós-Segunda Grande Guerra Mundial: a necessidade de virar a página da história e fundar uma nova linguagem em imaculados princípios de coerência estética obrigava a uma pesquisa de novas formas emanadas da própria sintaxe serial e erradicava, como imperdoável heresia, qualquer referência às línguas mortas e seus modelos de escrita.

Hoje, volvido mais de meio século, sobejamente firmados os grandes princípios estruturalistas, num mundo polifónico onde a herança da modernidade coexiste amavelmente com as variantes do pós-modernismo e com todos os ecos e réplicas da mundialização, desvanece a heresia, e o destino surpreende-nos com uma provocação mordaz: e se escrevesses um *Scherzo*?...

No princípio, era apenas uma sonoridade e uma ideia ainda vaga: colocar dois vibrafo-nes em cena, cada um do seu lado do palco, e fazer alternar de um para o outro uma mesma nota, um *mi bemol*, que, pouco a pouco, de uma alternância de pontos se transforma numa linha e se espalha pela orquestra, conduzindo todo o fluxo musical. Neste jogo contrapontístico, nesta *antifonia*, há uma dimensão lúdica indisfarçável que me aproximou da ideia de *scherzo*, não como forma propriamente dita, mas como conceito.

Aconteceu depois qualquer coisa de inesperado. Na temporada de 2013/14 dirigi uma obra de referência do último quartel do século XX, escrita por um compositor ilustre que, muitos anos antes, tinha marcado a minha formação e cuja partitura não voltara entretanto a abrir. Ao estudá-la naquele momento, tantos anos mais tarde, já não do ponto de vista puramente estético e composicional, mas do simples ponto de vista da eficácia da realização, dei-me conta de certas ideias de excepcional interesse que jaziam submersas, silenciadas por uma escrita instrumental ineficaz e por uma maré de elementos secundários que as desfoca e as oculta: ideias que dormem naquela partitura outrora emblemática e que, apesar de escritas, não são desvendadas e não chegam nunca ao ouvinte.

Uma grave questão ética: ao dirigir uma página assim, devemos servir a ideia do compositor e desobedecer radicalmente à sua escrita ou, pelo contrário, deixar a orquestra soar como o compositor a escreveu e aceitar que, traída por uma escrita ineficaz, a ideia inevitavelmente se perde como uma utopia para sempre secreta e incógnita?...

Pessoalmente, não ousei alterar a escrita daquela passagem e dirigi-a exactamente como o compositor a redigiu. Mas por um

misto de voluntarismo e vício pedagógico, ou por um acto de homenagem a uma obra extraordinária cuja riqueza ultrapassou, por momentos, a capacidade técnica do compositor, quis desde então escrever uma página orquestral em que aquela mesma ideia, com uma realização inteiramente diferente, pudesse ver a luz do dia e emergir da utopia à realidade sensível.

Explorar assim uma ideia imaginada por outro compositor, ainda que puramente abstracta e cuja remota origem é praticamente indecifrável, entrou na minha ideia de *scherzo*, aprofundou-a. E à medida que o *scherzo* ia nascendo, não ainda na forma mas no conceito, surgiam novas ideias marcadas por uma certa ironia.

Uma delas era muito simples: partir de uma linha puramente monódica e desenvolvê-la numa ampla escrita orquestral. É quase um paradoxo: a pluralidade instrumental de uma orquestra pressupõe, em princípio, uma pluralidade de linhas que se entrecruzam, se contrapõem, se complementam. Escrever uma linha única ao longo de muitas páginas de partitura pode redundar num manifesto desperdício de meios e numa lamentável pobreza de expressão musical. Mas o desafio – o *scherzo* – era justamente esse: partir de uma linha simples e, pela pura arte da escrita orquestral, ramificá-la, desenvolvê-la, estendê-la no tempo e compor a cada passo o seu corpo, a sua espessura, fazê-la ecoar, construir a própria acústica envolvente através da paleta sinfónica, fazê-la brilhar de tal modo que ouvinte praticamente não se apercebe de que o que está a ouvir é simplesmente uma linha – ...mas uma linha cantada por esse instrumento extraordinário, colorido e plural chamado Orquestra.

Uma pergunta inevitável: solicitada pela Casa da Música com o propósito expresso de comemorar o seu décimo aniversário, esta peça contém nela alguma alusão específica à ideia de efeméride? De facto contém, ainda que puramente simbólica! Essa alusão exprime-se através de um elemento musical muito simples: uma série de fanfarras que atravessam a peça e que provavelmente eu nunca teria imaginado sem este impulso exterior: que forma mais directa para saudar a efeméride de uma fundação que uma jubilosa fanfarra?...

Para compor estas fanfarras utilizei um instrumento muito especial: o trompete *piccolo*, com o qual é tocado, hoje em dia, uma grande parte do repertório barroco, com a exuberante *floritura* que o caracteriza e que, por um capricho da história, se perdeu na transição entre o Barroco e o Classicismo. Triangulando na geografia da orquestra uma escrita a três trompetes *obbligati*, estas fanfarras conduzem o fluxo musical e entram jubilosamente na ideia de *scherzo* que governou toda a peça, nas suas diversas dimensões, e que acabou por governar também a sua forma, como uma resposta à provocação de um destino para onde tudo parecia confluir: e se escrevesse *um Scherzo*?...

PEDRO AMARAL, 2015

Takuo Yuasa *direcção musical*

Takuo Yuasa tem-se apresentado no Grand Théâtre de Aix-en-Provence, Royal Festival Hall de Londres, Konzerthaus de Viena, Alte Oper de Frankfurt, Liederhalle de Estugarda e Sibelius Hall em Lahti, Finlândia. Foi Maestro Titular da Orquestra Sinfónica Gumma no Japão e Maestro Convidado Principal da Orquestra Sinfónica Escocesa da BBC e da Orquestra do Ulster na Irlanda do Norte.

Nasceu em Osaka, onde estudou piano, violoncelo, flauta e clarinete. Diplomou-se em Teoria e Composição na Universidade de Cincinnati e estudou direcção com Hans Swarowsky na Escola Superior de Música de Viena, Igor Markevich em França e Franco Ferrara em Siena, antes de se tornar assistente de Lovro von Maticic. Desde a conquista do Prémio Especial no Concurso Internacional de Direcção de Fitelberg em Katowice (Polónia), tem dirigido frequentemente as principais orquestras polacas. A sua versatilidade leva orquestras de todo o mundo a convidá-lo para dirigir tanto o repertório standard como obras mais obscuras de grandes compositores. Em 2007 recebeu o Prémio Cultural Iue pela sua contribuição excepcional para a música e pelos seus feitos artísticos internacionais.

Colaborou recentemente com orquestras como a Filarmónica de Estrasburgo, a Nacional de França, a Filarmónica de Bruxelas, a Sinfónica do Porto Casa da Música, a Sinfónica Aarhus e as principais orquestras japonesas. Visita frequentemente várias orquestras do Reino Unido. As suas qualidades musicais e de liderança têm atraído diversos conservatórios de música da Europa e orquestras nacionais de jovens.

Gravou as integrais das sinfonias de Brahms e Schumann. Tem uma carreira discográfica bem-sucedida como artista exclusivo da Naxos e tem sido alvo de óptimas críticas, numa gama ampla de repertório que abrange Britten, MacMillan e Rawsthorne, Webern e Schoenberg, Honegger, Vieuxtemps, MacDowell, Schubert, Rimski-Korsakoff, Pärt, Górecki, Glass e Nyman, juntando-se ainda um grupo emergente de compositores japoneses como Mayuzumi, Ohki, Bekku, Yashiro, Moroi, Akutagawa e Yamada. É Professor Associado do Centro de Artes Performativas da Universidade de Belas-Artes e Música de Tóquio.

Sarah Tynan *soprano*

A soprano britânica Sarah Tynan é requisitada tanto no domínio da ópera como em concerto, apresentando-se regularmente com orquestras e ensembles de nível mundial. Nesta temporada estreia *Solaris* de Dai Fujikura no Teatro dos Campos Elísios e nas Óperas de Lille e Lausanne. Outros momentos altos são a interpretação de Romilda em *Xerxes* na English National Opera, *Augenlieder* de Ryan Wigglesworth com a Sinfónica Cidade de Birmingham, *Messias* de Händel com a Sinfónica de Bournemouth, *Carmina Burana* de Orff com a Filarmónica da BBC e Royal Philharmonic Orchestra e ainda *A Criação* de Haydn com a Handel & Haydn Society.

Compromissos recentes no domínio da ópera incluíram os papéis de Manon Lescaut (*Boulevard Solitude* de Henze) na Ópera de Gales, Roggerio (*Tancredi*) no Teatro dos Campos Elísios, Marzelline (*Fidelio*) na English National Opera, Cleópatra (*Giulio Cesare*) e Carrie Pipperidge (*Carousel*) na Opera North,

Sharon Disney (*The Perfect American* de Philip Glass) no Teatro Real de Madrid e English National Opera, Adina (*L'elisir d'amore*) na Opera Holland Park, Susanna (*As Bodas de Fígaro*) na Ópera de Cincinnati, Iris (*Semele*) em La Monnaie, Dalinda (*Ariodante*) na Ópera de Oviedo e Sevilia (*A Clemência de Tito*) com a Orchestra of the Age of Enlightenment, tendo ainda interpretado *Al gran sole carico d'amore* de Nono no Festival de Salzburgo.

Em concerto, Sarah Tynan cantou recentemente a 8ª Sinfonia de Mahler com a Orquestra Nacional Real Escocesa, *Sonho de Uma Noite de Verão* de Mendelssohn em Glyndebourne e apresentou-se em concertos de gala com a Orquestra da Opera North. Anteriormente, colaborou com a Philharmonia Orchestra, Filarmónica de Londres, Orquestra Nacional de Gales/BBC, Le Concert Spirituel e Hervé Niquet, Sinfónica de Indianopolis (*A Criação* de Haydn) e Filarmónica de Bergen (*Dona nobis pacem* de Vaughan Williams).

No âmbito da música contemporânea, cantou a *Partita* de Dallapiccola com a Filarmónica da BBC nos Proms, *Kala* de Unsuk Chin com a Sinfónica da BBC e o papel de Megan em *The Sacrifice* de James MacMillan na Ópera de Gales.

Patrícia Quinta *meio-soprano*

Natural do Porto, Patrícia Quinta é graduada em Lied e Oratória (2007) pela Universidade de Música e Artes do Espectáculo de Viena. É Bacharel em Canto Teatral pelo Conservatório Superior de Música de Gaia (2002), na classe de Fernanda Correia. Durante a sua formação em Viena estudou com Margit Klaushofer, especializando-se em Lied e Ora-

tória com Charles Spencer e em Ópera com Reto Nickler.

Interpretou recentemente no Grande Auditório do CCB o papel de *Landgräfin Sophie* na oratória *A lenda de Santa Isabel* de Liszt, numa produção do Teatro Nacional de São Carlos, sob a direcção de Arturo Tamayo. Em 2014 interpretou Sibila na estreia mundial da ópera *As três mulheres com máscaras de ferro*, com música de Eurico Carrapatoso e libreto de Agustina Bessa-Luís (co-produção Fundação Gulbenkian e Teatro Aberto), e apresentou-se com o Ensemble Barroco Contemporâneo na inauguração da exposição de *Velasquez* no Museu de História da Arte, em Viena, na presença da rainha Letizia de Espanha e do presidente da república austríaca Heinz Fischer. Recentemente interpretou o papel de Marquesa de Berkenfield na ópera *La Fille du Regiment* de Donizetti e Old Lady na versão concerto de *Candide* de Bernstein, ambas produções do Teatro Nacional de São Carlos. Integrou o elenco da ópera *Paint Me* de Luís Tinoco, sob a direcção de Joana Carneiro (co-produção Teatro Nacional São Carlos e Culturgest). Interpretou o ciclo *Rückert Lieder* de Mahler com a Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música sob a direcção de Vasily Petrenko.

Participou no Concurso Nacional de Canto Luísa Todi 2003, onde lhe foi atribuído o prémio Bocage (cantor revelação). Frequentou classes de aperfeiçoamento com Hilde Zadek, Ulf Bästlein, Enza Ferrari, Elsa Saque, Laura Sarti, António Salgado, Rudolf Piernay, Grace Bumbry e Christa Ludwig.

Desde 2009, é professora de canto na Academia de Música de Vilar do Paraíso. É Licenciada em Psicologia pela Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto (2002).

Lothar Odinius *tenor*

O tenor alemão Lothar Odinius estudou na Academia de Artes de Berlim e iniciou a sua carreira na Ópera de Braunschweig. A sua voz permite-lhe abranger um repertório muito vasto desde Händel e Mozart até à música contemporânea. Tem trabalhado regularmente com maestros reputados como Emmanuelle Haïm, Thomas Hengelbrock, Kirill Petrenko, Hans-Christoph Rademann, Helmuth Rilling, András Schiff e Christian Thielemann, tendo também colaborado com Sir Colin Davis, Ivor Bolton, Philippe Herreweghe, Peter Schreier e Franz Welser-Möst. É requisitado internacionalmente tanto no domínio da ópera como no de concerto, especialmente pelas suas interpretações de Bach, papéis de Mozart e como cantor de Lied.

Visita habitual dos principais teatros de ópera do mundo, actuou na Ópera de Zurique, Ópera de Copenhaga, Glyndebourne Festival, Companhia de Ópera Canadiana, Ópera Nacional de Lyon, Ópera Nacional de Paris, Royal Opera House – Covent Garden e Festival de Bayreuth. Nos momentos altos da temporada passada incluiu-se o concerto na Academia Internacional Bach de Estugarda sob a direcção de Hans-Christoph Rademann, interpretando *In Terra Pax* de Frank Martins e *Elijah* de Mendelssohn; a versão encenada de *Jephtha* de Händel com a Kammerakademie Potsdam dirigida por Konrad Junghänel; *Elijah* com a Sinfónica da Rádio NDR e Thomas Hengelbrock; *Paixão segundo São Mateus* com a Sinfónica Dinamarquesa em Copenhaga e Andrea Marcon; e *Paixão segundo São João* com Les Musiciens du Louvre e Marc Minkowski; e ainda na Konzerthaus de Viena com Luca Pianca. Participou num CD

com música de Carl Philipp Emanuel Bach (*Magnificat* e outras), com o RIAS Kammerchor e a Akademie für Alte Musik Berlin, para a editora Harmonia Mundi, gravação galardoadada com o Gramophone Classical Music Award (Barroco vocal) em 2014.

Leigh Melrose *barítono*

Diplomado pelo St John's College (Cambridge) e Royal Academy of Music, Leigh Melrose tem-se apresentado por todo o mundo enquanto cantor de ópera. Entre os papéis que tem desempenhado incluem-se: papel principal em *Wozzeck*, numa nova produção da English National Opera e no Landestheater de Salzburgo; Demetrius (*Sonho de Uma Noite de Verão*) em La Monnaie; Escamillo (*Carmen*) na English National Opera; Fígaro (*Barbeiro de Sevilha*) na Ópera de Nova Iorque; Silvio (*I Pagliacci*) na Ópera de Gales; *Morte em Veneza* de Britten no Liceu de Barcelona; Sid (*Albert Herring*) no Landestheater de Salzburgo, Opéra Comique e Ópera de Rouen; Ned Keene (*Peter Grimes*) nas Óperas da Flandres e de Oviedo; papel principal em *Eugene Onegin* no Festival de Ópera de Longborough; Conde (*As Bodas de Fígaro*), Rudolfo (*La Bohème* de Leoncavallo) e Junius (*The Rape of Lucretia*) para a English National Opera.

Tem conquistado uma admirável reputação pela interpretação de obras contemporâneas, entre as quais: *On Conversing with Paradise* de Elliott Carter no Festival de Aldeburgh; o papel de Evan na nova ópera de James MacMillan, *The Sacrifice*, na Ópera de Gales, ambas aclamadas pela crítica.

Interpretou *Carmina Burana* várias vezes no Reino Unido e muitas outras obras como

Belshazzar Feast de Walton, *Canticles* de Britten com Roger Vignoles no Queen Elizabeth Hall e Wigmore Hall (Londres) e a 9ª Sinfonia de Beethoven com a Orquestra de Cadaqués sob a direcção de Sir Neville Marriner. Nos BBC Proms, apresentou a *Cantata Miserere* de Britten com a Sinfónica da BBC, *La Vida Breve* de Falla com Sir Richard Chomondeley e *Yeomen of the Guard* de Gilbert & Sullivan.

Entre outros compromissos na temporada de 2014/15, Leigh Melrose canta o papel principal na estreia de *Solaris* (co-produção Teatro dos Campos Elísios e Óperas de Lille e Lausanne), regressa à English National Opera como Sonora numa nova produção de *A rapariga do Oeste* de Puccini. Em concerto, interpreta o *Requiem para um Jovem Poeta* de Zimmerman sob a direcção de Matthias Pintscher.

ORQUESTRA SINFÓNICA DO PORTO CASA DA MÚSICA

Baldur Brönnimann *maestro titular*

Leopold Hager *maestro convidado principal*

A Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música tem sido dirigida por reputados maestros, de entre os quais se destacam Baldur Brönnimann, Olari Elts, Leopold Hager, Michail Jurowski, Christoph König (maestro titular no período 2009-2014), Andris Nelsons, Vasily Petrenko, Emilio Pomarico, Jérémie Rhorer, Peter Rundel, Michael Sanderling, Tugan Sokhiev, John Storgårds, Joseph Swensen, Gilbert Varga, Antoni Wit, Takuo Yuasa, Lothar Zagrosek, Peter Eötvös ou Ilan Volkov. Entre os solistas que colaboraram recentemente com a orquestra constam os nomes de Midori, Viviane Hagner, Natalia Gutman, Truls

Mørk, Steven Isserlis, Kim Kashkashian, Ana Bela Chaves, Felicity Lott, Christian Lindberg, António Meneses, Simon Trpčeski, Sequeira Costa, Jean-Efflam Bavouzet, Lise de la Salle, Cyprien Katsaris, Alban Gerhardt, Pierre-Laurent Aimard ou o Quarteto Arditti. Diversos compositores trabalharam também com a orquestra, no âmbito das suas residências artísticas na Casa da Música, destacando-se os nomes de Emmanuel Nunes, Jonathan Harvey, Kaija Saariaho, Magnus Lindberg, Pascal Dusapin, Luca Francesconi, Unsuk Chin, Peter Eötvös e Helmut Lachenmann.

Nas últimas temporadas apresentou-se nas mais prestigiadas salas de concerto de Viena, Estrasburgo, Luxemburgo, Antuérpia, Roterdão, Valladolid, Madrid e no Brasil, e é regularmente convidada a tocar em Santiago de Compostela e no Auditório Gulbenkian. A interpretação da integral das sinfonias de Mahler marcou as temporadas de 2010 e 2011. A gravação ao vivo com obras de Pascal Dusapin foi Escolha dos Críticos 2013 na revista Gramophone. Em 2014 surgiu o CD monográfico de Luca Francesconi com gravações ao vivo na Casa da Música. Na temporada de 2014, a Orquestra interpretou uma nova obra encomendada a Harrison Birtwistle, no âmbito das celebrações do 80º aniversário do compositor.

A origem da Orquestra remonta a 1947, ano em que foi constituída a Orquestra Sinfónica do Conservatório de Música do Porto. Actualmente engloba um número permanente de 94 instrumentistas e é parte integrante da Fundação Casa da Música desde Julho de 2006.

CORO CASA DA MÚSICA

Paul Hillier *maestro titular*

O Coro Casa da Música estreou-se em 2009 sob a direcção do seu maestro titular Paul Hillier, referência incontornável da música coral a nível internacional. É constituído por uma formação regular de 18 cantores, que se alarga a formação média ou sinfónica em função dos programas apresentados. O repertório do Coro estende-se a todos os períodos históricos desde a Renascença até aos nossos dias, incluindo a música *a cappella* ou com orquestra, neste caso ao lado dos agrupamentos da Casa da Música – Orquestra Barroca, Orquestra Sinfónica e Remix Ensemble.

Desde a sua fundação, o Coro Casa da Música foi dirigido pelos maestros James Wood, Simon Carrington, Laurence Cummings, Andrew Bisantz, Kaspars Putniņš, Andrew Parrott, Antonio Florio, Christoph König, Peter Rundel, Paul Hillier, Robin Gritton, Michail Jurowski, Martin André, Marco Mencoboni, Baldur Brönnimann e Olari Elts, a que se juntam em 2015 as estreias de Gregory Rose, Takuo Yuasa e Nicolas Fink.

Colaborou com os agrupamentos instrumentais da Casa da Música na interpretação da *Missa em Dó menor* de Mozart, Cantatas de Natal de Bach (no Porto e em Ourense), *O Cântico Eterno* de Janáček, a Sinfonia Coral de Beethoven, o *Requiem à memória de Camões* de Bomtempo, o *Requiem Alemão* de Brahms, a 3ª Sinfonia de Mahler, o *Messias* de Händel, o *Te Deum* de Charpentier, a *Oratória de Natal* e Cantatas de Bach, o *Te Deum* de António Teixeira e o *Requiem* de Verdi. Em programas *a cappella*, destaca-se a presença regular da música portuguesa, com especial incidência nas obras dos grandes polifonis-

tas do Renascimento mas também na música do século XX. Tem interpretado diversas obras em estreia nacional e fez a estreia mundial de Motetes de Carlo Gesualdo na versão reconstruída por James Wood e de uma nova obra de Carlos Caíres.

Na temporada de 2015, o Coro Casa da Música volta-se especialmente para a grande tradição coral germânica, interpretando o *Magnificat* de Bach, a *Missa Solene* de Beethoven, a *Oratória de Natal* de Schütz e ainda obras de Stockhausen e Lachenmann.

O Coro Casa da Música faz digressões regulares, tendo actuado no Festival de Música Antiga de Úbeda y Baeza (Espanha), no Festival Laus Polyphoniae em Antuérpia, no Festival Handel de Londres, no Festival de Música Contemporânea de Huddersfield, no Festival Tenso Days em Marselha, e em várias salas portuguesas.

Iris Oja é a maestrina co-repetidora do Coro Casa da Música.

ORQUESTRA SINFÓNICA DO PORTO CASA DA MÚSICA

Violino I

Zofia Wóycicka
José Pereira*
Radu Ungureanu
Vadim Feldblioum
Andras Burai
Maria Kagan
Ianina Khmelik
Tünde Hadadi
Evandra Gonçalves
Emília Vanguelova
José Despujols
Alan Guimarães
Ana Madalena Ribeiro*
Diogo Coelho*

Violino II

Tatiana Afanasieva
Mariana Costa
Pedro Rocha
Francisco Pereira de Sousa
Domingos Lopes
Lilit Davtyan
Paul Almond
Vitor Teixeira
Nikola Vasiljev
José Sentieiro
Germano Santos
Jorman Hernandez*

Viola

Simon Tandree*
Mateusz Stasto
Emília Alves
Francisco Moreira
Rute Azevedo
Theo Ellegiers

Hazel Veitch
Luís Norberto Silva
Biliana Chamlieva
Jean Loup Lecomte

Violoncelo

Vicente Chuaqui
Michal Kiska
Gisela Neves
Sharon Kinder
Aaron Choi
Hrant Yeranosyan
Américo Martins*
Miguel Fernandes*

Contrabaixo

Florian Pertzborn
Nadia Choi
Altino Carvalho
Tiago Pinto Ribeiro
Jean Marc Faucher
Slawomir Marzec

Flauta

Paulo Barros
Angelina Rodrigues
Alexander Auer

Oboé

Tamás Bartók
Jean-Michel Garetti
Eldevina Materula

Clarinete

Carlos Alves
António Rosa
Gergely Suto

Fagote

Robert Glassburner
Vasily Suprunov
Pedro Silva

Trompa

Eddy Tauber
Bohdan Sebestik
José Bernardo Silva
Hugo Carneiro
André Maximino*

Trompete

Sérgio Pacheco
Luís Granjo
Rui Brito

Trombone

Dawid Seidenberg
Jose Pons*
Marcos Pereiro*

Tuba

Sérgio Carolino

Tímpanos

Sandro Andrade*

Percussão

Bruno Costa
Paulo Oliveira
Nuno Simões
Pedro Góis*

Harpa

Ilaria Vivan

*instrumentistas convidados

CORO CASA DA MÚSICA

Sopranos

Alexandra Gonçalves
Ana Caseiro
Andrea Conangla
Ângela Alves
Cristina Pascual
Dalila Teixeira
Eva Braga Simões
Joana Pereira
Leonor Barbosa de Melo
Mariana Sant'Ana
Paula Ferreira
Paula Teles
Patrícia Sousa
Rita Morais
Rita Venda
Sílvia Lobo

Contraltos

Ana Calheiros
Ana Isabel Almeida
Andreia Tiago
Andreia Gonçalves
Anita Paupério
Brígida Silva
Gabriela B Simões
Inês Amorim
Joana Leite Castro
Joana Guimarães
Joana Valente
Margarida Hipólito
Marta de Sá
Nélia Gonçalves
Sara Cláudio
Sofia Pinto
Susana Milena
Svitlana Oksyuta

Tenores

Almeno Gonçalves
André Lacerda
Hélder Bento
João Paulo Costa
João Paulo Ventura
Jorge Bizarro Pinho
Miguel Leitão
Pedro Costa
Pedro Figueira
Pedro Matos
Pedro Rodrigues
Pedro Silva Marques
Telmo Salgado
Tiago Azevedo
Tiago Ribeiro
Vítor Sousa

Baixos

André Carvalho
André Pinto
Carmino Carvalho
César Freitas
João Barros Silva
Luís Pedro Machado
Mário Pimentel
Nuno Ilharco Gonçalves
Nuno Mendes
Pedro Guedes Marques
Pedro G. Ferreira
Pedro Lopes
Pedro Soares
Ricardo Rebelo da Silva
Ricardo Torres
Simão Neto
Tiago Sá

Maestrina co-repetidora

Marion Sarmiento

Pianista co-repetidor

Luís Duarte

CONSELHO DE FUNDADORES

Presidente

LUÍS VALENTE DE OLIVEIRA

Vice-Presidentes

JOÃO NUNO MACEDO SILVA

JOSÉ ANTÓNIO TEIXEIRA

ESTADO PORTUGUÊS

MUNICÍPIO DO PORTO

GRANDE ÁREA METROPOLITANA DO PORTO

ACA GROUP

ÁGUAS DO PORTO

AMORIM INVESTIMENTOS E PARTICIPAÇÕES, SGPS, S. A.

ARSOPI - INDÚSTRIAS METALÚRGICAS ARLINDO S. PINHO, S. A.

AUTO - SUECO, LDA.

AXA PORTUGAL, COMPANHIA DE SEGUROS, S. A.

BA VIDRO, S. A.

BANCO ESPÍRITO SANTO, S. A.

BANCO BPI, S. A.

BANCO CARREGOSA

BANCO COMERCIAL PORTUGUÊS, S. A.

BANCO SANTANDER TOTTA, S. A.

BIAL - SGPS S. A.

CAIXA ECONÓMICA MONTEPIO GERAL

CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

CEREALIS, SGPS, S. A.

CHAMARTIN IMOBILIÁRIA, SGPS, S. A.

COMPANHIA DE SEGUROS ALLIANZ PORTUGAL, S. A.

COMPANHIA DE SEGUROS TRANQUILIDADE, S. A.

CONTINENTAL MABOR - INDÚSTRIA DE PNEUS, S. A.

CPGIS - COMPANHIA PORTUGUESA DE COMPUTADORES INFORMÁTICA E SISTEMAS, S. A.

FUNDAÇÃO EDP

EL CORTE INGLÉS, GRANDES ARMAZÉNS, S. A.

GALP ENERGIA, SGPS, S. A.

GLOBALSHOPS RESOURCES, SLU

GRUPO MEDIA CAPITAL, SGPS S. A.

GRUPO SOARES DA COSTA, SGPS, S. A.

GRUPO VISABEIRA - SGPS, S. A.

III - INVESTIMENTOS INDUSTRIAIS E IMOBILIÁRIOS, S. A.

LACTOGAL, S. A.

LAMEIRINHO - INDÚSTRIA TÊXTIL, S. A.

METRO DO PORTO, S. A.

MSFT - SOFTWARE PARA MICROCOMPUTADORES, LDA.

MOTA - ENGI, SGPS, S. A.

MUNICÍPIO DE MATOSINHOS

OLINVESTE - SGPS, LDA.

PESCANOVA

PORTO EDITORA, LDA.

PORTUGAL TELECOM, SGPS, S. A.

PRICEWATERHOUSECOOPERS & ASSOCIADOS

RAR - SOCIEDADE DE CONTROLE (HOLDING), S. A.

REVIGRÉS - INDÚSTRIA DE REVESTIMENTOS DE GRÉS, S. A.

TOYOTA CAETANO PORTUGAL, S. A.

SOGRAPE VINHOS, S. A.

SOLVERDE - SOCIEDADE DE INVESTIMENTOS TURÍSTICOS DA COSTA VERDE, S. A.

SOMAGUE, SGPS, S. A.

SONAE SGPS S. A.

TERTIR, TERMINAIS DE PORTUGAL, S. A.

TÊXTIL MANUEL GONÇALVES, S. A.

UNICER, BEBIDAS DE PORTUGAL, SGPS, S. A.

EMPRESAS AMIGAS DA FUNDAÇÃO

CACHAPUZ

CIN S. A.

CREATE IT

DELOITTE

EUREST

GRUPO DOUROAZUL

MANVIA S. A.

NAUTILUS S. A.

SAFIRA FACILITY SERVICES S. A.

STRONG SEGURANÇA S. A.

OUTROS APOIOS

FUNDAÇÃO ADELMAN

I2S

PATHENA

RAR

SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DE LISBOA

VORTAL

PATRONO MAESTRO TITULAR REMIX ENSEMBLE CASA DA MÚSICA

SONAE SIERRA



MECENAS PROGRAMAS DE SALA



MECENAS CASA DA MÚSICA



APOIO INSTITUCIONAL



MECENAS PRINCIPAL
CASA DA MÚSICA

